

Aproximações entre comunicação, transversalidade e tecnicidades digitais: um estudo sobre a produção científica de cibercultura no Intercom¹

Cinara Moura²
Universidade de São Paulo - USP

Resumo

Este artigo insere-se numa abordagem de metapesquisa e cuja lente paradigmática foi o Pensamento Complexo. O trabalho busca contribuir para as reflexões sobre a transversalidade no campo da comunicação, sobretudo diante das tecnicidades digitais, que ampliam os fenômenos e comportamentos a serem estudados. Para isso, observamos os artigos do grupo temático de cibercultura apresentados ao Congresso Nacional do Intercom entre 2015 e 2019, recorte que possibilitou uma avaliação da própria produção acadêmica, da presença do movimento transversal, que busca apoio em outros campos de conhecimento, e da centralidade da comunicação neste processo. A transversalidade apresenta-se não apenas como um movimento de contextualização, mas também um caminho para passearmos por outros conhecimentos e voltarmos à lente da comunicação para leituras e aprofundamentos.

Palavras-chave

Pensamento complexo; comunicação; tecnicidades digitais; transversalidade, pesquisa acadêmica.

Apresentação

Este artigo é fruto da pesquisa realizada no curso de mestrado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo e toma a comunicação como um campo em movimento, que necessita se ressignificar diante das tecnicidades digitais que transformam o tecido social de modos cada vez mais sofisticados e complexos. Na produção acadêmica, que, de maneira geral, reflete os comportamentos e fenômenos marcados por essa impermanência, não é diferente. São novas demandas que colocam a comunicação num lugar de se apropriar do conhecimento já desenvolvido, elaborar novos repertórios, criar mapas metodológicos e teóricos que dêem conta de compreendê-los cientificamente. Por isso, tomamos aqui comunicação, tecnicidades digitais e produção científica como variáveis que se relacionam com nosso estudo.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de mestrado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Com+, vinculado a mesma universidade. E-mail: mouracinara@gmail.com

Nessa perspectiva, percebemos a transversalidade como um movimento capaz de ajudar na busca por novos sentidos e fazeres acadêmicos. Baseamos a pesquisa na visão de Deleuze e Guattari (1995), que percebem neste conceito a potência de criar novos rizomas e devires a partir de linhas de fuga e agenciamentos para compreensão dos fenômenos.

O trabalho que desenvolvemos abarca ainda a noção de pensamento complexo (MORIN, 2000, 2013, 2015), abordando os processos comunicacionais e a produção científica da área a partir desse paradigma. Optamos por este caminho por perceber nele a abertura necessária para dialogar com um tema como a transversalidade, bem como deixar espaço para colocarmos nossa percepção no decorrer do estudo, contrariando a ideia de distanciamento entre sujeito-pesquisador e objeto.

Para a exploração empírica, utilizamos uma metodologia que mescla análises quantitativas e qualitativas, incorporando a ideia de triangulação metodológica (DUARTE, 2009). A avaliação qualitativa dos trabalhos recorreu, ainda, à técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), que auxiliou a criar categorias para examinar de forma padronizada os artigos, permitindo chegar aos resultados da pesquisa.

A partir do exame do material e fazendo o constante movimento de retorno ao paradigma científico e ao referencial teórico utilizado, encontramos uma comunicação extremamente diversa e complexa, que se tangibiliza em inúmeros temas relacionados à tecnologia digital e à cibercultura, sem que fosse possível traçar qualquer linha totalizante ou homogênea.

Construção da pesquisa e metodologia

"A técnica produzida pelas ciências transforma a sociedade, mas também, retroativamente, a sociedade tecnologizada transforma a própria ciência". A frase é de Edgar Morin e consta no livro *Ciência com Consciência* (2005), que muito inspirou esta pesquisa. Mergulhar na produção acadêmica em busca de *insights* ou de sinais que demonstrassem que comunicação e tecnologia transformam-se mutuamente e, juntas, alteram os ponteiros da sociedade no que tange à forma como nos relacionamos. Além disso, optamos por uma abordagem que trouxesse a ideia de impermanência que é característica das ambiências digitais. A noção de que a única certeza que temos é a mudança nos conduziu por um caminho que considerasse o movimento na análise

fazendo-nos imbricar pela transversalidade, não apenas enquanto um conceito, mas como um norte para aceitar que

a questão digital em seus diferentes aspectos pode assumir um caráter transversal de forma a perpassar os dois sentidos classicamente estruturados: horizontalmente a todos os sub-campos e/ou especialidades e verticalmente em cada processo, suporte e práxis (SAAD CORRÊA, 2015, p. 7)

A partir deste panorama, buscamos "um tipo de ajustamento, necessário ou possível, entre o sujeito e o objeto de conhecimento" (LOPES, 2014, p.121), formulando a questão-problema que nos guiou: de que modo a produção científica sobre comunicação apresentada ao grupo de pesquisa sobre cibercultura do Congresso Nacional do Intercom permite-nos inferir características que remetam ao conceito de transversalidade? Vale salientar que a pergunta coloca em conflito duas variáveis de extrema importância para o avanço da pesquisa sobre comunicação digital: produção científica e a transversalidade. A elucidação destes valores está ligada à ideia de que a construção do objeto científico não é neutra e traz também uma visão de pesquisa e de ciência, bem como em seus cruzamentos e imbricamentos, já que

a ciência é intrínseca, histórica, sociológica e eticamente complexa. É essa complexidade específica que é preciso reconhecer. A Ciência tem necessidade não apenas de um pensamento apto a considerar a complexidade do real, mas desse mesmo pensamento para considerar sua própria complexidade e a complexidade das questões que ela levanta para humanidade. (MORIN, 2005, p. 9)

O Congresso Nacional do Intercom foi escolhido como recorte a partir do objeto devido à sua relevância histórica para a produção científica sobre comunicação no Brasil, já que a produção acadêmica - que se materializa em seus anais - oferece um espaço de visibilidade para a comunidade científica, além de repertório para observar temáticas e desdobramentos da comunicação na sociedade contemporânea, sobretudo quando tratamos de tecnicidades digitais. Por isso, observaremos nesse estudo os trabalhos apresentados no grupo de pesquisa de cultura digital do Congresso Nacional do Intercom entre os anos de 2015 e 2019, tendo como principal objetivo compreender se os trabalhos consideram a transversalidade em seu curso, mantendo a comunicação como lente central.

O pensamento complexo como norte

O intuito de me debruçar sobre um objeto que traz novos olhares à comunicação - potencialidades trazidas pelo que chamamos de digital, num sentido mais amplo - exigia “tomar consciência da patologia contemporânea do pensamento” (MORIN, 2015, p. 15), que isola cartesianamente os elementos em questão e pretende o máximo afastamento do sujeito pesquisador em relação aos objetos de estudo. Pensar novos modos de fazer comunicação fez optar por um caminho que levasse em conta o emaranhado de relações em incontáveis fluxos multidirecionais, considerasse as incertezas e a falta de respostas para perguntas-chave que eram facilmente respondidas nas relações polarizadas de emissão-recepção de outrora. É nesse cenário que a ação de fato acontece, impondo à comunicação um papel de “ciência redescritiva do comum humano, que abrange desde o laço intersubjetivo inerente à coesão comunitária até as relações sociais regidas por mídia” (SODRÉ, 2014, p. 189).

A complexidade postulada por Morin (2000, 2005, 2013, 2015) apresenta-se como uma lente possível para a leitura dos prolongamentos do conceito de comunicação, sobretudo por permitir um compromisso não-hierárquico para o estudo proposto. Ele traz um norte teórico e também aponta um caminho a ser percorrido durante a pesquisa, absorvendo a ideia de que paradigmas científicos

fornecem como que 'um reservatório disponível' das possibilidades teóricas, metodológicas e técnicas num dado momento do desenvolvimento da disciplina em uma situação social determinada. É nesse reservatório que se realizam as operações de construção da linguagem científica que estão apresentadas sobre um sistema de decisões por parte do investigador (LOPES, 2014, p. 91).

Essa abordagem também traz o ambiente e o sujeito para compor a ciência, já que o próprio progresso do conhecimento clama por um retorno à presença, exigindo que "o sujeito se reintroduza de forma autocrítica e autoreflexiva em seu conhecimento dos objetos" (MORIN, 2005, p. 30). No pensamento complexo, há uma reintrodução desse sujeito no processo de pesquisa e, de algum modo, também é observar o caminho, valorizando tanto o processo de pesquisa quanto o resultado dela.

Nesse sentido, intui-se outro conceito caro à complexidade: de uma ciência ambivalente, que não se esgota em si mesma nem encerra todas as respostas aos fenômenos que estuda. Ela é, assim como os sujeitos que a fazem, um processo em contínua transformação, inacabado e que joga luz sobre as noções de unidade e

diversidade, compondo a visão de "um discurso multidimensional não totalitário, teórico, mas não doutrinário" (MORIN, 2015, p. 10).

No decorrer deste trabalho, o paradigma do pensamento complexo foi a bússola para enfrentar o emaranhado das incertezas características de assuntos como comunicação, ciência e transversalidade. Do mesmo modo, será o guia para todas as operações metódicas da pesquisa, atuando como pano de fundo para as leituras, reflexões e análises aqui propostas, não para busca alguma verdade, mas para formular novas perguntas ao longo do caminho.

Teorias da Comunicação, técnicas digitais e transversalidade: conceitos-chave à pesquisa

As noções associadas às teorias da comunicação, às práticas e relações que ganham vida junto das técnicas digitais, à transversalidade e centralidade dos processos comunicacionais nortearam esse estudo. Em termos de comunicação, o que entendemos como teoria "tende a se apresentar como um repertório conceitual e interpretativo para a observação e compreensão de algumas situações, mas sem o aspecto de lei ou previsibilidade" (CHECHETTO; MARTINO, 2019, p. 5). Há uma pluralidade e uma dispersão do campo, que nos levam a entender a comunicação muito menos dentro de uma ordem puramente cronológica e linear, mas diretamente associada aos arranjos e fluxos de cada contexto (MATTELART & MATTELART, 2012, p. 10).

Nesse sentido, nos apoiamos nas noções de campo (MARTINO, 2007; LOPES, 2004), a partir de prolongamentos de Bourdieu, para fundamentar o que entendemos como comunicação: mais fenômeno do que conceito, escapando a uma definição central e gerando uma dispersão cognitiva, que culmina na associação do campo às práticas sociais, ou seja, "à passagem da comunicação como lógica político-cultural à comunicação como ciência social aplicada" (SODRÉ, 2012, p. 22).

É neste momento que surge outro conceito fundamental a este trabalho, agrupado aqui como técnicas digitais. A expressão acolhe - para fins de método - tudo aquilo que é marcado pela cultura digital na sociedade contemporânea, seja em suas materialidades, seja nas expressões e relações que se manifestam nesse âmbito. Abraçamos a ideia de uma "ambiência social que provoca ondas de ressignificação numa velocidade quase que incontrolável, criando vácuos entre o pensar-conceituar-entender-disseminar e o fazer-absorver-aplicar" (SAAD CORRÊA, 2017, p. 29). Essas

tecnicidades são observadas não apenas como conceito, mas também enquanto prática metodológica, já que a internet pode estar presente enquanto objeto, local ou instrumento de pesquisa (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 17) e isso deve ser levado em conta na análise, pois, aponta, em algum nível, para como a comunicação é compreendida quando em relação com a tecnologia.

Mediado pela tecnologia, o ciberespaço tornou-se, à medida que a tecnologia evoluiu, um local de negociações e trocas complexas, processos sociais que podem ser observados à luz da comunicação, mas não somente dela. Muito longe de um caráter homogêneo, ele sinaliza as nuances, hibridismos e impermanências, seja em termos de nomenclaturas, de objetos ou mesmo de conexões teóricas entre o clássico e o que provoca rupturas. Afinal, "num mundo no qual o futuro aparece garantido pelos automatismos do sistema, o que nos resta de tempo humano é o cuidado dos resíduos, das impressões do vivido" (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.72).

Situados os construtos teóricos da comunicação e das tecnicidades digitais, adentramos a ideia de transversalidade (DELEUZE E GUATTARI, 1988, 1995; SAAD CORREA, 2015; LOPES, 2014), entendida aqui como um movimento para fugir a um enraizamento fechado em si mesmo, sendo capaz de criar um sistema arborescente, que se amplia a partir de seus rizomas.

Cunhado no começo da segunda metade do século passado, o conceito de transversalidade que tomamos emprestado teve em Félix Guattari e Gilles Deleuze alguns de seus principais precursores. Os filósofos apontaram para o pensamento transversal como meio de ultrapassar preceitos sólidos, puros, verdades absolutas e hierarquizadas - as raízes. Em contrapartida, deram luz à noção de rizoma, que conduz a um pensamento capaz de elucidar multiplicidades, um enraizamento mais aberto, que permite linhas de fuga ao que foi formulado anteriormente. Segundo os autores,

todo rizoma compreende linhas de segmentaridade, segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc., mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 18).

Partindo do entendimento do rizoma, Deleuze e Guattari defendem que as linhas de fuga são sempre transversais, ou seja, que esse movimento de atravessar os conceitos é necessário à experimentação, à criação e à transformação. Na comunicação, a

transversalidade vem à tona como um ponto de encontro, um conceito que permite a convergência dos conceitos necessários ao estudar tecnicidades digitais sem abrir mão da centralidade da comunicação. Mais do que um elemento hierárquico - que soa contrário à ideia de rizoma - a comunicação atua aqui como ponto de vista sob o qual emergem as linhas de fuga e as multiplicidades. Uma visão transversal e que considera o que os autores tratam como plano de iminência permite que conceitos sejam revistos, ampliados, renegociados.

O processo de pesquisa

O processo de coleta de dados envolveu a organização e categorização de todos os trabalhos do GP de Cultura Digital do Congresso Nacional do Intercom entre 2015 e 2019. Todos os artigos - que após o evento são disponibilizados nos Anais - foram lidos inteiramente e categorizados numa planilha.

Num primeiro momento, foram analisadas todas as palavras-chave utilizadas para remeter aos trabalhos com a intenção de perceber recorrências ao longo do tempo, bem como identificar elementos que apontassem tendências. A ideia de que o conjunto das palavras-chave pudesse sinalizar um caminho inferencial para o restante desta pesquisa foi rapidamente refutada. O que encontramos nesse processo foi justamente o contrário: um cenário que exigia um estudo com mais estofa e profundidade para explicar essa complexidade e que pode abrir caminho para um conhecimento mais rico e menos certo (MORIN, 2005, p. 44).

Seguindo a recomendação de Bardin (1977, p. 34), buscamos seguir por um caminho sistemático descrição dos artigos, criando categorias de análise de conteúdo com o objetivo de facilitar a classificação dos dados e o levantamento de insights acerca do objeto de pesquisa. Dessa forma, foram avaliados seis itens:

- **Resumo:** diz respeito ao excerto das principais informações do trabalho
- **Instituição e natureza da instituição:** oferece um panorama de onde estão sendo desenvolvidos os trabalhos acerca de cibercultura

- **Papel da internet:** a internet é tratada nos artigos, partindo da fundamentação realizada por Fragozo, Recuero e Amaral (2011), quando distinguem as possibilidades de abordagem teórica em: cultura, artefato cultural e tecnologia midiática. A internet enquanto cultura leva em conta um cenário à parte do social, um tecido cultural com funcionamento e vida próprios. Ela se distingue da segunda abordagem, pois, quando compreendida como artefato cultural, inclui a rede como um dos elementos da cultura,

mas não como único nem principal, ou seja, a internet é parte do social, dos discursos, do consumo e do cotidiano. Na terceira perspectiva, a rede assume o papel de tecnologia midiática que gera práticas sociais (2011, p. 43), distinguindo-se das anteriores por um maior destaque às materialidades e suas convergências.

• **Categorias temáticas:** para fins didáticos, neste artigo partimos do levantamento realizado por Amaral e Montardo (2011), num esforço de mapear os assuntos mais recorrentes entre os anos 2000 e 2010 em três importantes eventos acadêmicos sobre cibercultura: Intercom, Compós e AoIR. Apesar das especificidades assumidas nos dez anos posteriores, em linhas gerais as categorias se mantiveram e, por isso, serviram como ponto de partida para classificação realizada nesta pesquisa:

| Categoria Temática | Características da categoria |
|---|---|
| Linguagem | Estudos sobre arquitetura de informação, hipertexto, links, buscadores, hipermídia e novas linguagens trazidas pelo digital |
| Apropriação tecnológica | Estudo sobre a reconfiguração das práticas sociais ou culturais em função das TIC's |
| Ciberativismo | Reflexões sobre a potencialização da ação do indivíduo ou do coletivo em termos de ação política na internet |
| Configurações econômicas e políticas³ | Novas conformações econômicas e políticas em função da internet |
| Inclusão digital | Pesquisas sobre a inclusão social via TIC's |
| Práticas de Consumo⁴ | Estudos envolvendo as práticas de consumo na internet |
| Socialização online | Estudos sobre as trocas e a socialização online |
| Epistemologia | Sistematização e estudos teóricos e metodológicos sobre a técnica |

• **Centralidade:** levando em conta os apontamentos acerca da centralidade da comunicação de Saad (2015), Martino (2007) e Lopes (2004), todos os artigos foram avaliados tendo em mente o retorno à comunicação para analisar e lançar luz sobre os fenômenos estudados.

³ Na pesquisa original (AMARAL E MONTARDO, 2011, p. 17), esta categoria estava definida como Economia Política da Comunicação Mediada por Computador. Para este trabalho, optamos pela nomenclatura de Configurações econômicas e políticas, a fim de evitar associações ou aproximações com a vertente teórico-filosófica da Economia Política da Comunicação.

⁴ Neste trabalho, optamos por suprimir a expressão consumo mercadológico, que constava inicialmente na categoria, mantendo apenas "Práticas de Consumo" por entender que o consumo abrange também fenômenos não necessariamente mercadológicos, como consumo de conteúdo, por exemplo.

• **Outras áreas envolvidas na pesquisa:** quais as áreas de conhecimento mais utilizadas para buscar aportes teóricos e metodológicos aos artigos apresentados.

Discussão dos resultados

Inicialmente, a intenção do estudo era mapear unicamente a centralidade comunicacional e o movimento de transversalidade. No entanto, revelou-se também a possibilidade de conhecer mais profundamente a origem dessas publicações e qual o papel que a comunicação e a tecnologia assumiam nessas produções, oferecendo um cenário de metapesquisa que, em boa dose, elucida como a cibercultura é trabalhada nos programas de pós-graduação do país.

O primeiro item que chamou atenção foi a prevalência da produção acadêmica de instituições públicas. No somatório dos anos, 66% da produção apresentada ao Intercom foi de instituições públicas e 34% de privadas. Entre todos os trabalhos apresentados, foram encontradas 78 diferentes organizações, sendo que 31 delas apareceram uma única vez nos cinco anos. Por outro lado, entre as 10 com mais estudos, sete são públicas e três privadas, com grande destaque para a Universidade Federal Fluminense (UFF), que possui mais que o dobro da produção das instituições na segunda posição (USP e PUC-RS).

Sobre o enquadramento temático dos trabalhos, houve uma predominância dos estudos sobre *Socialização Online* (93 artigos). Na sequência, aparecem *Apropriação Tecnológica* (71), *Ciberativismo* e *Práticas de Consumo* (ambos com 62), *Linguagem* (41 artigos) e, por fim, temos os trabalhos relacionados às *Configurações econômicas e políticas* (13), *Epistemologia* (13) e *Inclusão digital* (5), as três categorias que despertaram menos interesse dos pesquisadores.

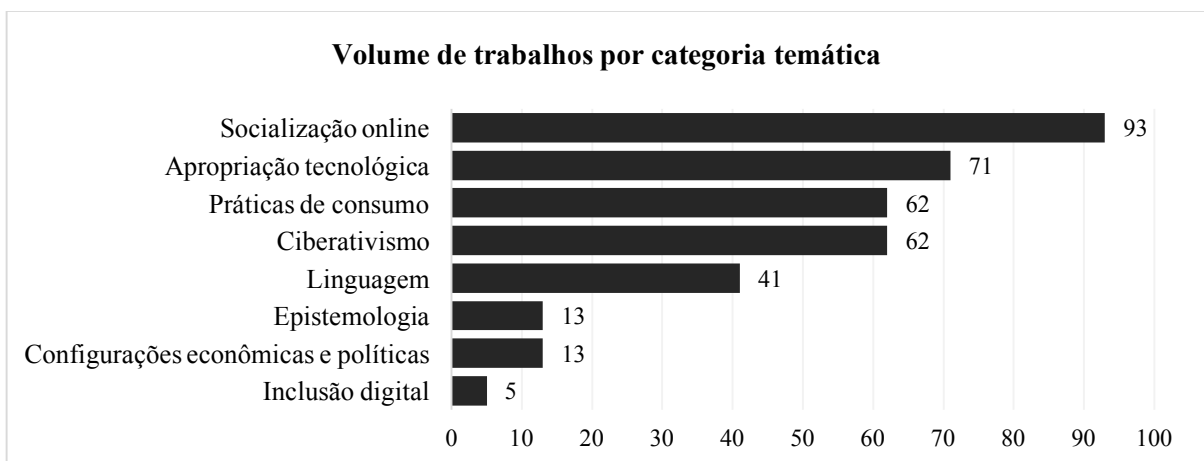


Figure 1 Volume de trabalhos por categoria temática

Outra questão que vale ser mencionada é uma espécie de dificuldade metodológica nos artigos apresentados. A maioria esmagadora dos trabalhos baseou-se em revisão teórica⁵ e estudo de caso, com uma abordagem qualitativa que é recorrente a trabalhos de comunicação, que versam de forma esmagadora sobre fenômenos comportamentais e precisam, deste modo, compreendê-los e explicá-los. No entanto, o exame dos trabalhos deixou evidente uma clara dificuldade em diferenciar método e técnica de pesquisa, sendo necessárias inferências da autora na hora de categorizar os dados.

Inicialmente, pensamos que essa lacuna pudesse ser reflexo da limitação de espaço de um artigo acadêmico - que é muito diferente de um relatório de pesquisa, uma dissertação ou uma tese, por exemplo, que deixa mais superfície para explicitar procedimentos metodológicos -, mas na medida que íamos avançando percebemos que era recorrente e apresentava-se como um ponto crítico ao campo e válido de ser mencionado nos resultados.

De acordo com Lopes,

a reflexão metodológica não só é importante como necessária para criar uma atitude consciente e crítica por parte do investigador quanto às operações científicas que realiza na investigação e quanto ao questionamento constante a que deve submeter os métodos ante as exigências que lhe impõe a realidade (LOPES, 2014, p. 92)

Levantamos algumas hipóteses para esse impasse. A primeira delas diz respeito a uma necessidade institucional de volume de publicações, o que faz com que, muitas vezes, as pesquisas não estejam suficientemente maduras para tornarem-se artigos científicos. Isso é contraditório ao fato de que "estamos na aurora de um esforço de fôlego e profundo, que necessita de múltiplos desenvolvimentos novos, a fim de permitir que a atividade científica disponha dos meios de reflexividade, isto é, a autointerrogação" (MORIN, 2005, p. 26), mas, vinculados institucionalmente, sobretudo pesquisadores mais jovens e ainda pouco dotados de credibilidade acadêmica, acabam por tornarem-se reféns dessa regra, que inclui ainda a disponibilização de bolsas de pesquisa e de recursos financeiros para os programas. A segunda elucidação relaciona-se com a dificuldade da própria comunicação digital em encontrar clareza metódica para seu empirismo. Uma vez que a maioria esmagadora dos estudos versa sobre fenômenos do que chamamos de mundo da vida, cada trabalho exige uma construção metodológica específica e geralmente

⁵ Incluímos neste agrupamento, também, descrições de levantamento bibliográfico, revisão bibliográfica e referencial.

multi-métódica, o que faz com que seja difícil se apoiar em linhas gerais para o estudo do digital na comunicação.

No que diz respeito à centralidade dos trabalhos, encontramos uma clara dicotomia entre comunicação e mídia, abarcando diferentes correntes do paradigma que podemos chamar de midiatização. Vale ressaltar, nesse sentido, que não pretendemos uma crítica ao fato do foco dos artigos voltar-se à mídia - tangibilizados aqui em recursos, plataformas, aparatos e ferramentas -, sobretudo no caso de um evento que utiliza a prerrogativa da interdisciplinaridade, como é o caso do Intercom. A problematização, no entanto, cabe quando esses trabalhos reivindicam o status de "*estudos de comunicação*" sem necessariamente debruçarem sobre as características do campo.

Nesse sentido, empreendemos duas análises: uma primeira sobre a centralidade de cada artigo a partir das leituras atentas ao desenvolvimento do trabalho e outra investigando como o digital é percebido e acionado em trabalhos que se enquadram na cibercultura, questão que se apresentou como interessante no desenvolvimento do estudo.

Nos resultados, 62% dos trabalhos demonstraram demasiado esforço em retornar ao cerne da comunicação para fazer suas análises, enquanto 34% tiveram como base as mídias em que a comunicação se materializava. Ainda, vale ressaltar, que apenas 4% dos trabalhos versavam sobre outra linha central e, nestes casos, apenas buscava apoio e ressonância no GT em análise, o que é natural em eventos interdisciplinares.

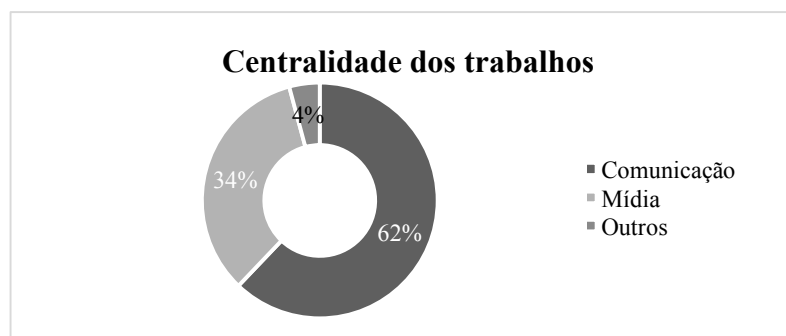


Figure 2 Centralidade dos trabalhos

Os trabalhos categorizados como mídia detinham maior atenção aos aparatos do que ao processo relacional em si, não retornando à comunicação para jogar luz sobre as questões estudadas. Aqui, encontramos muitos trabalhos desenvolvidos com ênfase na estrutura de aplicativos, realidade virtual (VR) ou mesmo sobre estudos de plataformas específicas e não sobre as trocas tecnossociais realizadas a partir dessas plataformas. Cabe salientar, todavia, que o tema de forma alguma define o enquadramento de um trabalho.

Ao contrário, um mesmo assunto pode receber dois focos completamente diferentes de acordo com a intenção do autor, levando-o a uma abordagem centrada em sua processualidade comunicacional ou em suas materialidades, por exemplo.

Outro ponto que buscamos classificar foi a presença do que Frago, Recuero e Amaral categorizam como Internet (2011, p. 27) e que aqui também inclui a compreensão da rede como tecnicidade digital (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 76). Baseando-nos numa análise inicial das autoras, intencionamos perceber como estes trabalhos incluíam sua visão da rede. Dessa forma, utilizamos as distinções de artefato cultural, cultura e tecnologia midiática.

Os resultados apontam para uma predominância da internet enquanto espaço que possibilita análise de discursos e identidades como reflexo de uma integração cotidiana entre offline e online, sem distinções entre os dois espaços. Dessa forma, 47% dos trabalhos entenderam a internet como artefato da cultura. Logo em seguida, com 34% de representatividade, temos a rede enquanto tecnologia midiática abarca principalmente temáticas que se baseiam na convergência e na materialidade das mídias, com destaque para trabalhos que se embasam na Teoria Ator-Rede (LEMOS, 2016), cujo um dos principais estudiosos é o antropólogo francês Bruno Latour. Na terceira colocação, a ideia da internet enquanto cultura à parte, que se distingue do offline, corresponde a 21% dos artigos.

O cenário que conseguimos identificar ainda se volta à comunicação para a compreensão dos fenômenos da cibercultura, independente de como compreendem a internet e suas tecnicidades digitais. Esta comunicação enquanto lente convocada para compreensão dos fenômenos consiste num elemento-chave para a relevância social do campo. Como percebemos, os trabalhos deixam clara uma necessidade - não nova, mas urgente - de um aperfeiçoamento de questões metodológicas, mas apresentam caminhos na abordagem dos produtos e das tecnicidades não como espaços imaculados, mas como partes da experiência social.

Em toda a avaliação, houve um olhar atento ao modo como a comunicação construía pontes e, em muitos casos, percebia-se uma dificuldade em concatenar diferentes teorias, mesclando-se autores que, ideologicamente, não se aproximam, mas que eram colocados lado a lado nos trabalhos sem um contraponto das diferentes percepções. Ainda assim, é notável um esforço em ampliar as fronteiras da comunicação, gerando novos laços científicos e indo ao encontro dos princípios de conexão e heterogeneidade que marcam

a transversalidade e em que "qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem" (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 168).

O que encontramos foi uma realidade em que apenas 100 trabalhos não trouxeram outras áreas para seus estudos. Entre os que trouxeram, muitos deles ativaram mais de um campo de conhecimento. Obras ligadas à Sociologia foram ativadas 142 vezes, seguidas pela Filosofia, que participou de 55 artigos e Estudos de Gênero⁶, utilizados para embasar 19. Tais resultados, foram compilados numa nuvem de palavras para facilitar a visualização dos dados.



Figure 3 Nuvem de palavras com a análise dos campos de conhecimento presentes nos trabalhos

Outra característica da transversalidade que marcou o exame dos artigos foi a prática do agenciamento, que possibilita o "crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que aumenta suas conexões" (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 206). O mapa da pesquisa, como destacam os autores de *Mil Platôs*, deve ser desmontável e remontável, o que só ocorre com tamanha heterogeneidade e diversidade quanto a que encontramos nos trabalhos que são objeto dessa pesquisa. Como sinaliza Morin, "a evolução do conhecimento científico não é unicamente de crescimento e extensão do saber, mas também de transformações, de rupturas, de passagem" (2005, p. 22).

Os rizomas que abrem espaço para pontes são diversos e incontáveis nos trabalhos analisados, o que pode ser contraditório aos principais paradigmas científicos da atualidade, que se agarram - como que num último suspiro - a qualquer forma de controle e produtivismo com a ideia de que isso possa garantir a relevância social do campo.

⁶ Mantivemos os Estudos de Gênero como um item à parte em nossa análise, pois a maioria da bibliografia utilizada possuía matriz multidisciplinar, não se enquadrando em nenhuma das outras áreas que apareceram nos trabalhos.

É importante salientar que, de maneira alguma, vemos no movimento transversal uma maneira de suprimir ou reduzir tudo que foi pensado, teorizado ou formulado anteriormente, por gerações de pensadores da comunicação. Inclusive, em termos de cibercultura, reafirmamos que "os conceitos fundantes de todo esse cenário são anteriores e muito mais enraizados no tecido social que o recente período" (SAAD CORREA, 2010, p. 29). Contanto, ser rizomorfo é justamente "produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos" (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 206). Trata-se, de transformar, ampliar e ressignificar o pensamento e a prática da comunicação, movimento que parece ser pretendido nos artigos apresentados.

Nesse sentido, a transversalidade não é apenas um movimento de contextualização, mas também um caminho para passarmos por outros conhecimentos e voltarmos à lente da comunicação para fazer leituras e aprofundamentos. Mantém-se assim, também, o princípio da centralidade comunicacional, elemento importante para reforçar a pertinência do campo na sociedade contemporânea.

Referências Bibliográficas

AMARAL, A. R.; MONTARDO, S.P. Pesquisa em Cibercultura: análise da produção científica brasileira na Intercom. **Logos** (UERJ. Impresso), v. 18, p. 8, 2011.

CHECHETTO, F. B. ; MARTINO, L. M. S. . Qual conceito de ciência fundamenta as Teorias da Comunicação? Um estudo exploratório do cânone. **Verso e Reverso**. (UNISINOS. ONLINE), v. 33, p. 2, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. V1. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995.

DUARTE, Teresa. (2009) A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). CIES e-WORKING PAPER N.º 60/2009. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. ISSN 1647-0893) Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1319/3/CIES-WP60%20_Duarte.pdf Acesso em 15/04/2020.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel ; Amaral, A. . **Métodos de Pesquisa para Internet**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. v. 1. 239p .

LEMOS, A. **Teoria Ator-Rede e Estudos de Comunicação**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2016. v. 1. 205p .

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **INTERCOM** (São Paulo), São Paulo, v. XXVII, n.nº 1, p. 24-38, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: Mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

MARTINO, L. C.; BERGER, C. R.; CRAIG, R. T.. **Teorias da Comunicação: Muitas ou Poucas?**. 1. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. v. 1. 138p .

MATTELART, Michèle. ROUANET, Luiz Paulo. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2014.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Como viver em tempos de crise**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SAAD CORRÊA, Elizabeth. **Reflexões para uma epistemologia da comunicação digital**. Observatorio (OBS*), v. 4, p. 307-320, 2008.

_____. Centralidade, transversalidade e resiliência: reflexões sobre as três condições da contemporaneidade digital e a Epistemologia da Comunicação. In: Richard Romancini; Maria Immacolata V. de Lopes. (Org.). **Anais do XIV Congresso Ibero-Americano de Comunicação IBERCOM 2015: comunicação, cultura e mídias sociais**. 1ed.São Paulo: ECA/USP, 2015, v. 1, p. 110-132.

_____. Fragmentos da cena cibercultural: transdisciplinaridade e o não-conceito. **Revista USP**, v. 86, p. 23-36, 2010.

SAAD CORRÊA, Elizabeth. SILVEIRA, Stefanie. Proposta teórico-metodológica para a pesquisa de objetos no jornalismo. **Matrizes (Online)**, v. 11, p. 163-182, n.2 2017.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do Comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.